

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.471

Terça-feira, 11 de Setembro de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

CASAS BARATAS

Projectos! Projectos! Projectos!

A Câmara Municipal despreza o que existe
para erguer castelos no ar

A Câmara Municipal de Lisboa deve ganhar e, rapidamente, o convencimento que os tempos não vão para chuchar com a população. Um projecto de casas baratas, com as sugestivas possibilidades de realização que todos conhecemos, faz lembrar as estridentes campanhas de propaganda que dariam a quem quizesse, bacalhau, do melhor e do mais norueguês, a pataco por quilo e muito bom pedacinho.

A Câmara não tem o direito de lançar mão de «trucs» para ganhar fama que permita pôr-se a dormir em cima dos interesses dos munícipes e do trabalho que a sua defeza comporta; ela não pode servir-se da linguagem dos candidatos em véspera de eleições que prometem este mundo e o outro em troca dum lugareinho de deputado. E não pode porque a Câmara já está eleita.

O projecto das casas baratas assemelha-se ao réclame teatral, uma revista do ano em que se apresentam por cantoras, gargantas, contapadas, por actrizes, raparigas que mostram desoladoramente umas pernhas tortas, por actores, palhaços tristes e torpes. A Câmara deve abster-se do réclame como se fosse representar qualquer revista pornográfica.

A falta de habitações não deve servir de tema a planos bombásticos que servem para dormir em arquivos e darem repasto à traga. Um assunto dessa importância não deve ser malbaratado em iniciativas verbais sem poder de realização.

Se alguma coisa a Câmara pretende fazer em matéria de casas baratas, deve cumprir-se de bom senso e encarar a maneira prática de efectivação positiva.

Já aqui dissemos e hoje voltamos a repetir que se a Câmara pensa a sério no problema, deve voltar, sem demora, a sua atenção para os Bairros Sociais, ou antes, para o Bairro Social do Arco do Cego. Ali o seu interesse podia manifestar-se proveitosamente.

Há quem, impressionado pela campanha de escândalo que encorrou os Bairros Sociais, tome de tal maneira a nuvem por Juno, julgando que dos milhares de contos que voaram, não ficou quatro paredes aproveitáveis. Não. O Bairro Social do Arco do Cego tem cerca de 90 pavilhões para moradia, já concluídos. Está lá o sr. Inácio Freire Pimentel, oficial do exército, que é também empregado superior dum escritório comercial. Essa criatura tinha por dever organizar uns cadernos de encargos para que o acabamento desses pavilhões e a construção de outros fosse entregue, por empreitadas, à indústria particular.

Onde estão esses cadernos de encargos? Onde estão as construções continuando sob o tal regime de empreitada? E' claro que tudo isto está apenas no papel. O que existe é o Bairro Social do Arco do Cego, sob a condenação à ruína completa pela incuria. O sr. Inácio Pimentel, que nada faz pelo Bairro e até à data nenhuma desculpa deu da sua inactividade, está destinado a fazer o enterro do mesmo.

Se alguma coisa a Câmara pretende fazer pelos munícipes que não podem pagar as casas pelo preço que a ganância dos senhorios lhes atribui, interesse-se pelo Bairro Social do Arco do Cego, procure conseguir que se evite o desbarato dos milhares de contos que valem as construções, as terraplanagens e vário material; procure evitar que o sr. Inácio Pimentel, nomeado e apoiado pelo desleixo do Estado, seja o coveiro de muito dinheiro e de muito trabalho.

A iniciativa da Câmara é um perfeito disparate, pela falta de sinceridade, pelo seu inultrapassável mau senso; talvez seja mais do que um disparate, mereça classificar-se de golpe de lenar.

Não se compreende que numa terra onde nunca existe, dimanado dos poderes públicos ou dos cofres particulares, dinheiro e vontade para a concretização de coisas úteis, se desprese o que está feito, se deite pela janela cerca de 90 pavilhões, milhares de contos, todo um bairro de casas baratas que pode ser concluído e que presta a demolir-se pelo abandono a que o condenaram.

Suplícios

em S. Julião da Barra?

Ainda sobre a nossa local de 8 dias cumpre dizer que julgamos, a ser verdade o que ouvimos, que as autoridades militares ignoram decerto os factos revoltantes já narrados: pois se o soubessem, se tivessem conhecimento das condições, brutais, com que se torturam os presos para obter delações, confessões de crimes que muitas vezes não praticaram; se lhes dissemos que até chegaram a bater com uma espécie de marreta nos queixos do priso em questão, um pobre diabo de soldado que não faz mal a uma mosca, estamos convencidos de que essas autoridades castigarão severamente os autores de tais torturas que desprestigiavam a corporação militar.

Sonámos, deveras, não pertencermos ao grupo que, a pequena distância da nossa mesa, estava descrevendo e comentando as atrocidades a que temos aludido. De contrário, investigaríamos profundamente o assunto, colheríamos talvez pormenores interessantes que lançaríamos muita luz nos boatos que correm a respeito de torturas inquisitoriais aos presos e da brutalidade com que em geral são tratados os soldados.

Como, porém, fomos apenas ouvintes, e ouvintes indiscretos visto a conversa não ser conhecida, não mais podemos fazer do que, citando esse pouco que apanhamos no ar, lavar, mais uma vez, o nosso veementíssimo protesto contra crimes de tal natureza que bastam, por si só, para condenar uma instituição!

NOTAS & COMENTÁRIOS

A Lourdes!

Escrofulosos, sífilíticos, linfáticos, cegos, tuberculosos, neurasténicos, falsos beatos, espartilhos, paralisados, reumáticos num total de 800 foram ontem para a estação do Rossio sentar-se no comboio que leva a Lourdes. Nesse comboio partem enfermidades em busca de cura, dores em demanda de alívio. Deus cura os doentes que tenham dinheiro para o comboio. Os outros, os pobres de todo e de tudo, ficam abandonados de Deus que se não conquista de graça e que bem se faz pagar. Deus também faz o milagre de virar camions, descarrilar comboios, matando os peregrinos que neles eram conduzidos.

Trata-se dum milagre muito especial com porta para o cemitério.

Os privilegiados

Consta-nos que Zeferrino da Silva, p assassinado de Guilherme Lima, se encontra em Torres Novas refugiado, a conselho do sr. governador civil. Para receber o ordenado não necessita de sair dessa localidade. A ser assim passam a ser pessoas chics com a vilegiatura paga pelo Estado.

Carne e osso

Hugo Stinnes, o famoso capitalista alemão, vai, segundo palavra do sr. António Peres Duarte, abastecer de carne as cidades de Lisboa e Porto. Ainda segundo declarações suas, a oferta de Stinnes provocará primeiro a estabilização de preço e depois a sua descida.

Se a tal comitimento Stinnes se arroga, com a ajuda dos que lhe aceitaram a oferta, a carne vai generalizar a sua presença até às mesas dos proletários. Mas, se a oferta de Stinnes é neutralizada pela gannada, a carne continuará a ser um osso duro de roer pelos que labutam.

A nossa esperança não se vivifica, por ter sofrido abalos bem rudes e consecutivos. Entre o osso certo e a carne incerta, nós odiamos o primeiro e duvidamos da segunda.

Lêr na 4.ª página:
Agenda de «A Batalha».

UMA GREVE SIMPÁTICA

OS MINEIROS DE SÃO PEDRO DA COVA

Como os escravos do sub-solo lutam pela conquista do direito à vida

Leitor amigo; trabalhador do campo, da oficina e do laboratório, talvez que na vossa vida acidentada pela luta constante contra os elementos naturais ou convencionais que rodeiam a espécie humana, não tenha havido lugar para vos deterdes, pensando num pouco no viver anti-natural e de forçados que arrastam esses entes que, debaixo da terra, a grandes profundidades, jogam incessantemente a vida para garantir a humanidade que os esquece, a satisfação das suas progressivas necessidades.

O mineiro! Tal qual o descreveu no «Germinal» a pena privilegiada de Zola, assim é ele na realidade. Sempre lutando, curvado no seio da terra sepultura de vivos, rasgando-a em direcções várias para lhe arrancar o alimento destinado à energia artificial, sujeito sempre à vingança do elemento da terra ferido no ventre e, como se não bastasse, à exploração do Senhor que da mina só conhece o carvão e a forma de o transformar no recheio aurífero dos seus cofres fortes.

E quantas vezes, depois de um fugidio adeus aos filhos rotos, descalços e esqueléticos—futura carne de exploração mineira—um leve alago à mulher, ele lá vai, curvado pelo hábito da posição forçada, queimado pelo ambiente da mina e pelas escorrências ácidas do minério, caminho do poço a murir-se das ferramentas e, no eterno ritmo, descer até à galeria profunda.

Vai e não volta... Um descuido, a má condição do trabalho, um escoramento deficiente, uma explosão de grés, cortou o fio de uma vida ou de várias vidas, tornou-as uma massa informe e lançou na miséria as pobres esposas e os tenros filhos. A consternação passa e a filantropia empreza da mina garante aos órfãos... o direito de seguir o destino dos pais.

E neste ritmo fatal o mineiro continua a ser o lutador obscuro, o escravo das trevas que garante a base de vida às coisas inanimadas.

A sua utilidade é infinita. Na pena e no papel em que o apreciamos está vinculada a sua passagem, desde a escolha dos metais e do carvão que compõem e alimentam a maquinaria da indústria papelreira, até aos que serviram para a manufatura da pena e máquinas preparadoras.

Que seria do rural, do operário industrial, do engenheiro, do médico, do professor, etc., sem o esforço do mineiro?

Nada. Ele lá continua a garantir o aço para as ferramentas e máquinas e o carvão para toda a laboração, duplamente espoliado pelas empresas exploradoras, as quais lhe arrancam, nas suas cantinas, em troca de pouca e má alimentação, a mísera remuneração dum labor constante e útil.

Uma visita a São Pedro da Cova

Estávamos no Porto em missão da Confederação Geral do Trabalho. Um delegado da Delegação Confederal de Propaganda, assistente da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, pôs-nos ao corrente do estado da luta e despertou-nos a curiosidade para a visita a aquelas paragens para nós desconhecidas.

Tomámos lugar no carro eléctrico 17, um desses maxibombos desconjuntados da Severiana, e lá fomos ansiosos por comunicarmos com os lutadores mineiros. Chegámos à última paragem do eléctrico, a vista estende-se-nos pela continuação da linha que se esconde na curva do pinhal que a margina. Como resposta prévia a uma pergunta que iam a formular, surge na curva, descendo, uma zorra negra cheia de carvão.

Trepámos a encosta, seguindo os eses da via férrea, conversando sobre o estado de espírito dos grevistas recentemente reorganizados, transpomos um atalho pelo interior do pinhal e deparamos-nos à vista uma baixa de terreno, salpicado à esquerda por uma fila de habitações ligeiras, algumas meio construídas apenas.

Uns grossos tubos cinzentos nos denunciavam as aberturas dos poços, e, a custo, divisamos, suspensos no espaço, uns pontos negros que nos dizem ser os «cestos» que em constante vai-vem transportam o minério—agora parados por efeito da greve.

Agora o caminho é um declive para a direita e ao fundo encontramos em primeiro plano uma geradora eléctrica em laboração e a seguir a casaria da povoação, na quasi totalidade composta por ovelhas de prata e empregados da mina.

Rodeiam-nos grupos de mineiros, de garotos esfarelhados, de mulheres, rostos vinculados pela miséria sofrida, mas

animados duma energia que não julgamos fictícia mas sim filha da compreensão de que lhes assiste razão na luta encetada.

O nosso guia, assistente confederal da greve, conduziu-nos a um pátio onde, sobre um brasido, dois caldeiros de ferro tripédes fumegam.

Um grupo de grevistas vem dar-nos as boas vindas. O nosso guia, depois de nos-lo apresentar como elementos mais dedicados da Associação dos Mineiros, interroga-nos:

—Então já distribuísteis o almoço?

—Já respondem—mas não chegou a todos; por isso estão os caldeiros ao lume...

—E a sessão que estava marcada?

—Vamos realizá-la...

Uma sessão que se transforma num grande comício

Aquirámos da sede da Associação e indicámos-nos uma próxima e pequena casa, já circundada de gente que aguardava a sessão.

Abre-se a porta e uma onda humana invade a pequena sede. A custo rompem-nos. Chegamos a uma pequena janela rasgada na parede fronteiria e presenciámos, cá fora, no acidentado do terreno, uma avalanche de homens, alguns precocemente envelhecidos e alquebrados, de mulheres e de crianças.

Não era, como vulgarmente se diz, um mar de cabeças; mas sim uma onda humana, de posição e espírito encapelados.

Dada a assistência fora do edifício a sessão era impossível, pelo que improvisámos a pequena janela em tribuna e a sessão em comício.

Fala em primeiro lugar um mineiro, cujo nome a nossa memória não colheu, que em linguagem rude mas sincera, expõe a situação mísera da sua classe, apela para a unificação de todos os mineiros, única forma de fazerem vingar os seus incontestáveis direitos de produtores e afirma a sua fé na integração e orientação da Confederação Geral do Trabalho.

Em seguida o delegado da Delegação Confederal de Propaganda, em voz pausada mas vigorosa, descreve o estado do conflito.

Expõe as demarches realizadas e lembra a necessidade de que os grevistas se robusteassem espiritualmente, estreitando-se na sua luta, afirmando que a empresa mineira cede às suas justas reivindicações. A organização operária—afirma o orador—segue atenta a greve dos mineiros e prestar-lhe-á toda a solidariedade precisa para que saiam vitoriosos.

A justificar esta afirmativa está a presença do secretário geral da C. G. T., que irá seguir no uso da palavra.

E o delegado da C. G. T. falou, começando por apresentar aos bravos lutadores de São Pedro da Cova as saudações de todo o operariado organizado.

A assistência foi ovacionada e o delegado descreveu a série de confrontos sociais demonstrativos do valor que representa cada produtor e da necessidade de que se organizem e coliguem os indivíduos e as classes úteis, educando-se quer moral quer intelectual, quer tecnicamente, a fim de apressar a transformação da iníqua sociedade actual numa sociedade livre do homem—livres partilhando em comum do trabalho e dos gozos.

Demonstrada a conveniência da organização e esplanada a missão das suas células, desde o local de produção até à Confederação, por fim a assistência ouviu com entusiasmo vibrantes palavras de incitamento a que persistam na luta, embora com sacrifício, até que a empresa lhe garanta o direito de não se definirem pela fome e pelo trabalho exaustivo.

Um coro de vivas à C. G. T. e à Batalha e à greve, ecoando pelas serras circunvizinhas, pôz termo àquela boa jornada de propaganda e, cá fora, nos rostos animados dos mineiros, parecemos divisar uma indomável vontade de vencer, ao mesmo tempo que as mulheres nos davam a esperança de alentarem os companheiros na luta.

Voltámos ao pátio. Agora eram cinco caldeiros que, sob a pressão dum vivo fogo de lenha, preparavam a segunda refeição.

Salários de 4\$50—As reivindicações dos grevistas

—Solidariedade!—eis o que lhes necessitam para vencer

Antes de retirar buscamos alguns pormenores.

—Então quais eram os salários antes da greve?

—No trabalho externo, para os homens, 4\$50; para os rapazes, 1\$00—respondem-nos os grevistas.

—No trabalho interno...

—No interior da mina ganha-se de 4\$50 até, o máximo, 7\$00.

—Mas isso é a miséria, a fome!

—E é—diz-nos outro grevista. Olhe, calcule que há um camarada que, com mais três filhos, não é capaz de tirar uma fêria de 100\$00 por semana e isto com 10 horas de trabalho.

—E quanto reclamam?

—4\$00 de aumento, em média...

—O que lhes vale é a cantina...

—A cantina—diz o nosso primeiro interlocutor com ar de desolação—isso é bom para quem é. Pagar pagamos, é certo, mas...

—Não satisfaz?

—E' pouco o dinheiro para eles e os seus mal servidos.

—Mas tem as casas...

—O quê? As choupanas? Por motivo da greve a empresa pôz na rua as poucas famílias que lá tinha... mas olhe, a cooperativa, para nós, também está fechada.

—Mas isso é uma infâmia...—que há de acabar!—rematou convicco o nosso segundo interlocutor.

Desviámos depois um pouco a conversa e fomos-nos inteirando do ambiente que existe à volta da greve e sonbomos ser êle de simpatia.

Uma coisa nos intrigava: Era a forma como os grevistas, de reorganização recente, conseguiram manter a cozinha auxiliar. Solicitadamente nos informam.

As duas refeições fornecidas aos mais necessitados, tem sido, garantidas pela oferta de gêneros de alguns indivíduos da localidade e pelo auxílio monetário, parte do produto de queques e parte da Delegação Confederal de Propaganda.

O nosso camarada e guia informo-nos de que se espera que a posse da nova direcção das minas—que já deve ter-se efectuado—ponha termo à greve satisfazendo as reclamações dos mineiros.

E assim nos retratámos de São Pedro da Cova, dispostos a lançar um apelo fervoroso a todo o proletariado, para que acorra a prestar solidariedade a aqueles heróicos lutadores, enviando-lhes dinheiro ou gêneros para a sua cozinha, a fim de que seja mitigada a fome, especialmente a tanta criança—vítimas inocentes das desigualdades sociais—e para que sobre a monotonia daquela região mineira possa raiar em breve o sol da vitória.

S. A.

A chalaga monárquica

O menino bonito que me ataca no Cordeiro da Manhã, confessa-se burguês. Não lhe dou os parabéns por isso... Os burgueses estão fora de toda a razão, como fora da razão estavam os senhores feudais, donde derivou a burguezia.

Depois, ignorantemente, acusa os liberais de afirmarem que é uma feia culpa o facto do veraneio balnear e paternal da burguezia.

Como são ignorantes estes plúmptivos azeites e brancos!

Não há nenhum libérário, digno desta honrada classificação, que acuse os burgueses pelo facto de tomarem os seus banhos e de atenderem ao seu veraneio. Pelo contrário, entendem os libérários que todos os homens, sejam quais forem, tem o direito, depois dos serviços prestados à comunidade, de gozarem um pouco.

A acusação feita à burguezia é outra. Diz respeito à sua indiferença pelos males dos seus semelhantes, à sua vaidade banal manifestada continuamente, à perfídia de todos os dias, ao seu feroz egoísmo, à sua finta brutalidade.

Digno de encónias, o meu senhorio! Ora aí está! Vê-se bem que o Cordeiro da Manhã não perde o ensejo de ser útil a estas dignas alminhas de Deus, vivendo numa triste miséria, as pobresinhas...

A esplêndida criatura que referindo-se às pobres raparigas que se vêem obrigadas a servir pessoas geralmente violentas e pífidas, chama-lhe «moças importantes», é como quem diz «farrapo humano», criatura sem direlhos, sub-gente, etc. Que admira que falem assim, referindo-se aos filhos do Povo, aqueles que aspiram a ver sentido no trono o «eu» rei amado e bendito? E que, para se ter respeito por todas as criaturas, tanto as humildes como as de mais elevada categoria, é preciso ser-se libérário...

O formulário em casa de quem responde com esta lógica os jornalistas do referido jornal é bem simples, não tendo as complicações chalacosas a que se refere. Essa simplicidade reside na maneira familiar, tolerante, generosa, como são tratadas as raparigas que, por culpa da burguezia monárquica e republicana (que eu não compreendi ainda, francamente, a diferença que existe entre estas duas espécies...), se vêem obrigadas a alugar os braços.

Imaginem! O que dirão os inquilinos do país às quantias fabulosas que lhes são extorquidas por alguns «honrados» senhores, cujos casebres são autênticos chiqueiros?

Gonçalves CORREA

O pão encareceu mas é de pior qualidade

O administrador do Seixal, sr. Máximo de Barros, procurou ontem o ministro da Agricultura para solicitar providências ácidas da má qualidade do pão que se fabrica naquele concelho, que, apesar do aumento de 50 % do preço, é muito pior do que quando se vendia a 1\$20 o quilograma. O sr. Máximo de Barros lembrou a conveniência de se proceder a um inquérito para se apurar a quem cabem as responsabilidades do facto, que traz em efervescência os seixalenses, facto que pelos industriais de padaria é atribuído à má qualidade de farinhas que lhes são fornecidas.

Na ausência do ministro, o administrador do concelho do Seixal foi atendido pelo chefe do gabinete, sr. Castilho, que prometeu tratar do assunto logo que o dr. sr. Joaquim Ribeiro regressasse a Lisboa.

No Seixal o pão sofreu um aumento de 50 %, no preço.

A sua qualidade piorou. Tornou-se um aumento ruinoso para a bolsa dos consumidores e com a mixórdia de que é feito nocivo para os seus estômagos. Está-se na idade de ouro da Moagem!

PÃO NOSSO...

Os efeitos do decreto sobre o regime cerealífero

Continuando:

Precisamente no momento em que a viticultura, que é sem contestação o ramo agrícola que mais contribui para o equilíbrio da nossa desafiada balança económica, que nos fornece ouro com que adquirimos o que nos falta, que mais pão dá a comer aos que regam a terra com o seu suor, antevê a sua ruína, vibrando-lhe um golpe que muito bem pode ter a repercussão de uma crise de trabalho nas populações rurais, é uma demonstração que consagrará o ministro se os seus créditos como estadista não se tivessem firmado quando há dois ou três anos, sendo também ministro da Agricultura, sem tirar nem guar-te elevou o preço ao azeite.

Creio que o sr. ministro é também oleicultor, e é bom reclamar que quem estas linhas escreve não possui uma única cepa.

Encareceu o pão, sem motivo que o justifique, e pela forma como se fez é um meio fácil e seguro de enriquecer o caixeiro à custa da restante agricultura, e os efeitos já se estão a fazer sentir.

E vem depois certa imprensa (rasca na assadura) com um desvario que revolta e um impudor que indigna, grazi-nos que é preciso que todos nos sacrificiemos. Que todos nos sacrificiemos em favor do caixeiro e da Moagem, não é verdade senhores arautos de Portugal?

Farçantes! Há de ser o miserável, o trapeiro, o varredor de rua, o guarda de latrinas e o que agarrado a uma enxada, fucunda a terra debaixo de um sol calcinante que, com as migalhas arrancadas ao pão dos filhos, há-de contribuir para que o barrigudo lavrador e o rubicundo moageiro lhe aixe para a cara com mais lama do seu automóvel, e com mais asco e repugnância maade expulsar do restaurante em que se banqueteia, a mãe andrajosa que se abalança a pedir-lhe uma fatia de pão.

Que a lavoura, sem o menor protesto (li-o há pouco) se não levantou contra a «injusta e ditatorial medida do ministro da agricultura cotando o trigo a 1\$30 em vez de 1\$50 como determinava a lei, sem embargo de ter feito no amanho das suas terras despesas reguladas pela promessa legal.

Divinais, estes lusos economistas de cervejaria e café... A tristeza que tudo isto me causa não se compadece com a gargalhada que a transcendência do argumento reclama.

Pelo visto, a cotação duma mercadoria, o valor de um produto não é função da sua escassez ou abundância, do custo da sua produção, das contingências várias de factores diversos que sobre êle incidem nos mercados mundiais, mas sim do preço que anos antes lhe foi atribuído arbitrariamente por um decreto.

Eu desejaria me dissessem que detestassem essas, que despesas a mais fez a lavoura este ano em paralelo com os anos anteriores.

Com excepções raras, tão raras que se contam pelos dedos, a lavoura nacional cultivava hoje, como cultivou há 20 anos, o mercado de fôrça de ensino técnico, de fomento agrícola e de propaganda não obstante no orçamento das despesas do Estado figurar um ministério de agricultura com Juntas e Conselhos, em barba de uma rubrica de muitos milhares de contos. Ali, era ali, fazendo trabalhar os obreiros daquela colmeia que nada mais fazem do que reimpedidamente blasonar oratória barata que o ministro deveria procurar fomento para se fomentar a si próprio, e não na miséria de um povo que pouco mais é do que faminto.

E vinha agora a talhe de foice falar no decantado fomento agrícola, mas fica para breve porque continuaremos.

Abílio da SILVEIRA

AS PRISÕES ARBITRÁRIAS

Há mais de 60 dias que existem homens detidos sem culpa formada

Já vão passados mais de dois meses sobre as primeiras prisões efectuadas em virtude do atentado do Largo da Boa Hora, e até esta parte, apesar de não terem culpa formada, ainda não foi definida a sua situação.

As prisões mantêm-se e outras se têm efectuado, não obstante haver já alguns operários em liberdade, por se verificar, ao cabo de longos dias, que estavam isentos de culpa.

Não se compreende a atitude das autoridades, tanto mais que os presos têm apresentado provas testemunhais da sua inculpabilidade nas acusações que lhes têm sido feitas.

Ora passando já de dois meses que se encontram criaturas presas sem culpa formada e estabelecendo a lei que ninguém pode estar nessas condições mais que oito dias, é uma arbitrariedade flagrantíssima o que se está praticando, é uma violência sem nome o que as autoridades estão cometendo.

E' necessário que seja definida a situação desses homens que sofrem os horrores da prisão nas casas-matas de S. Julião da Barra. Isto assim não pode continuar e num regime democrático não devem admitir-se tais procedimentos.

Um convite à valsa

Informamos no último número que foram postos em liberdade, no sábado, os operários Inácio Marques, José Augusto Marques e António Vieira Fernandes, que estavam em S. Julião da Barra, por nada se provar contra eles.

Sucedeu, porém, que o último daqueles operários não saiu do governo civil, para onde tinham vindo no mesmo dia, na ocasião em que saíram os seus camaradas, o que se verificou cerca das 16 horas.

António Vieira Fernandes foi convidado a ficar... para receber uma lição de moral. Dessa lição foi encarregado o agente Filipe. Depois de alguns conselhos paternais, aquele agente propõe-lhe, a título de pagamento de que retribuição, para contar a forma como conseguiram evadir-se aqueles presos que estavam em S. Julião da Barra, e até, se não estamos em erro, pediu-lhe para dizer onde eles se encontravam, pois com isso nada perderia. Aquele operário afirmou nada saber e mesmo não era criatura que se vendesse.

Insistiu o agente, procurou insinuar no seu espírito, chegando a dizer que o governador civil sympathizava muito com êle... Como, porém, reconheceu que António Vieira Fernandes não era pessoa que puzesse a sua consciência a preço, o agente Filipe entrou no campo das ameaças: que o mandariam novamente para S. Julião se con-

tasse alguma coisa do que se passara entre êles!

E depois das promessas, seguidas de ameaças, foi aquele operário definitivamente posto em liberdade, deviam ser 18 e meia horas.

E' assim a moralidade das autoridades!

Um preso espancado

Entre os presos que no sábado de madrugada seguiram para S. Julião da Barra, ia o operário carpinteiro José Amaral, que esteve quinze dias incomunicável no governo civil.

Queixa-se de ter sido ali bárbaramente espancado, tendo graves contusões numa vista, da qual recela ficar cego se não for convenientemente tratado.

A quem de direito reclama-se atenção para este caso.

Não bastam as prisões arbitrárias, quanto mais a policia abusar da sua situação para cobardemente agredir os presos!

Ferrovários do Sul e Sueste

NOTA OFICIAL

A publicação da Organização dos Serviços Ferroviários do Estado, provocou no Sul e Sueste uma verdadeira confusão, não tendo até hoje sido regulada a situação do pessoal, que por esse motivo se encontra gravemente prejudicado e numa situação económica incompatível com o custo da vida.

A falta de providências e a morosidade nas aquisições de material, colocou os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste numa contingência difícil. As máquinas que até agora não foram reparadas, estão incapazes de qualquer serviço, mantendo-se, portanto, os comboios do horário. O carvão que se está consumindo foi recusado pela Companhia Portuguesa e aceite pelo Estado, não tendo o poder calorífico suficiente, o que causa enormes atrasos aos comboios. Não existe nem uma travessa sequer, para substituir a enorme quantidade de travessas que exigem substituição imediata, o que força a colocar sinais de precaução em vários pontos da linha para se poder garantir a circulação dos comboios. O estado em que se encontra todo o material torna-se de dia para dia incompatível com as exigências do serviço por falta de providências a tempo e por se não ter voltado à parte administrativa aquele cuidado que ela exige.

Como nenhuma responsabilidade cabe ao pessoal neste estado de coisas e como as consequências duma tal situação podem dum momento para outro tornar-se graves o Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste declara tódá e qualquer responsabilidade por parte do pessoal na situação existente e afirma o seu ponto de vista de que os Caminhos de Ferro do Estado tem capacidade produtiva suficiente para se equilibrar administrativa e financeiramente. Barreiro, 10 de Setembro de 1923.—O Sindicato do Pessoal das C. Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Senhorios e Inquilinos

Mandado de despejo
que o próprio juiz reconhece ser injusto!

Este caso já foi tratado nas colunas de A Batalha. Manuel José Trancoso reside no 2.º andar direito do prédio n.º 507 da rua Maria Pia, pertencente à varina Rosa de Aveiro. Começou por pagar 5330 de renda mensal, sendo depois sucessivamente aumentado para 10, 15, 18 e 30 escudos. Este último aumento foi feito em Maio do ano passado e tendo o inquilino procurado a senhoria várias vezes, dentro do prazo legal, ela negou-se a receber o dinheiro alegando que não tinha os recibos prontos. Desconfiando de que se tratava de uma cilada para o despejo da casa, o inquilino depositou a renda na Caixa Geral dos Depósitos, sem o participar à Rosa de Aveiro, indo depois ao Alvarge onde seu pai se encontrava doente. Quando regressou, no princípio de Junho, e no intuito de contemporizar, voltou a casa da senhoria com o dinheiro dos meses anterior e corrente, mas ela não o quis aceitar alegando que seu marido se zangara por não estar ainda paga a renda do mês de Maio. Declinou então o Trancoso que essa renda estava depositada, obtendo como resposta que continuasse fazendo o mesmo, conselho que seguiu na seguinte.

A senhoria moveu entretanto uma acção de despejo contra o Trancoso, com o fundamento de falta de pagamento dos meses de Maio, Junho, Julho e Agosto do referido ano, para o que se valeu do facto de, veladamente, dispensar os inquilinos do pagamento do mês de caução que a lei prescreve.

Apesar da contestação do seu que prova que depositara as rendas e que a falta de pagamento do mês de caução resultava dum acordo com a autora, esta conseguiu que a sentença lhe fosse favorável, tendo sido feito o julgamento sem a presença do réu, que se encontrava ausente de Lisboa, e do respectivo advogado de defesa.

O próprio juiz reconheceu a justiça que assistia ao réu, fazendo salientar na sentença o seguinte:
«Este processo, e outros semelhantes que tem sido sujeitos ao meu julgamento, mostram a necessidade urgente de se modificar a lei do inquilinato no que respeita a pagamento e depósito de rendas fora do prazo contratual por inquilinos que não pretendem furtar-se ao pagamento das rendas, modificação que tem de ser favorável a tais inquilinos.»

Nas oficinas gerais da C. P.

As violências do engenheiro Sequero.

Com o vaidoso título de Engenheiro encarregado das oficinas gerais e da tracção, assumiu há meses a direcção de todas as acções das mesmas oficinas e de todos os depósitos esta criatura que já foi despedida da Empresa Industrial Portuguesa pela sua péssima orientação. Segundo consta, com poderes descrençáveis, intolerante, e mau, é de logo que tomou posse do seu novo cargo, começando por suspender todos os que por qualquer motivo, o mais natural possível, trocasssem duas palavras com o camarada do lado, quantas vezes originadas pela execução do próprio serviço.

A nada atendida, respondendo invariavelmente: «O que está feito, está feito!»

Saiu-se bem e continuou, impondo horas suplementares, suspendendo quem não as quer fazer, até que chegou ao cúmulo de despotismo, demittindo a seu belo prazer, todos os que entendem.

Quando do movimento levado a efeito há pouco, para o barateamento do pão, a pretexto de factos particulares, que aliás ninguém foi capaz de provar, demittiu cinco camaradas — quatro das oficinas gerais e um do depósito de Santa Apolónia — não querendo ouvir-lhes nas suas justas alegações.

Mas que argumentos que o sr. engenheiro apresentou para as demittir! Três delles foram atirados à rua porque segundo ele diz, investiram o procedimento de dois outros agentes que estavam trabalhando nesse momento; os dois restantes por se encontrarem em Braço de Prata a passagem do comboio que traz para as oficinas o pessoal que mora fora de Lisboa e que não trabalhava.

Isto é o que o excelente engenheiro disse, não se sabendo, contudo, se tem fundamento.

Acceptando, porém, que assim succedesse, o que tinha elle com que se havia passado fora das oficinas que dirige!

Mas, adeante. Não satisfeito — nem mesmo já satisfeito, visto a sua vontade em ferir os produtores — comete agora uma revoltante injustiça, suspendendo dezenas de camaradas por se terem incorporado na grande manifestação de protesto realizada pela classe no dia 5 do corrente junto do Conselho de Administração da Companhia.

Porque succede, porém, todo isto?

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Mano postal

TEATRO APOLO

— HOJE —
Ultima representação
DO DRAMA
As pupilas do Sr. Reitor
AMANHÃ
a peça portuguesa
A LEI DOS MORGADOS

EXORTAÇÕES REVOLUCIONARIAS

Do proletariado do Alto do Pina

O bairro do Alto do Pina é, como se sabe, um dos mais populosos centros proletários da capital, mas infelizmente ainda um grande número dos seus moradores pouco se preocupa com a defesa dos seus direitos, postergando por essa insuportável legião de parasitas que do extenuante trabalho alheio vivem.

É este um mal que reclama urgente remédio. Como? perguntarão os apáticos e ignorantes.

Em primeiro lugar, aconselharei a que abandonem a taberna, antro que corrompendo moral e fisicamente, conduz tanta vez ao crime e à miséria mais atroz, com grande gáudio dos exploradores a quem a degradação moral e consequente enfraquecimento sindical do operariado sobremaneira convém.

O tempo que se desperdiça nesse e noutros antros não menos ascosos deve ser dedicado ao estudo e à organização proletária para que ela se robusteça e possa portanto cumprir a sua grande missão. Lide, camaradas, as grandes obras sociais para que o vosso espirito, fortalecido com os ensinamentos dos grandes pioneiros da Liberdade, possa conceber a formidável obra revolucionária a realizar para que o vosso coração, melhor sentindo as dores inenarráveis da humanidade que trabalha, vos leve a lutar por dar-lhes um pronto e eficaz remédio.

Elevai as vossas mentalidades, galvanizai as vossas almas, agora endurecidas pela ignorância, e vinde para as nossas fileiras, a dar combate a uma sociedade que assenta os seus alicerces nos mais espantosos crimes, nas mais revoltantes desigualdades.

Sem o vosso concurso — pois sois uma legião — a Revolução Social demorará mais a sua celsão purificadora e a escravatura mais tempo pesará sobre os vossos dorsos esquecidos!

Neste momento em que a luta promete intensificar-se, em que neste bairro o fascismo procura adquirir força para jogar, em benefício do capitalismo rápido, os esforços da libertação dos escravos do trabalho, praticando o crime contra vós próprios — trabalhadores do Alto do Pina — votando indiferença ou hostilizando a organização proletária que é também vossa.

Desperta, pois!

Avante pela unificação do proletariado!

Justino de SOUSA
Operário metalúrgico

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

O CARVÃO

Está assegurada a impunidade para os açambarcadores

«Eterniza-se o abuso cometido pelos negociantes de carvão. Esse combustível ainda continua faltando. A cidade inteira continua à mercê do assalto premeditado organizado pelos especuladores.

As bichas persistem à porta de algumas carrocerias. São as mulheres, suportando dolorosas horas de espera, torturadas pelo sol, pela sede, com a hora das refeições retardada, para não perderem, na longa, na interminável fileira os lugares conquistados.

Essas criaturas tem ainda de suportar as insolências dos carvoeiros para adquirir uns raros quilos de cisco a fim de carvão e molhado, para ter mais peso.

O castigo dos comerciantes que açambarcam o carvão é leve, levíssimo mesmo.

Estão condenados a roubar a população, gozando de impunidade completa e perpétua.

As providências do Comissariado dos Abastecimentos asseguram a falta de carvão e justificam a existência das bichas.

Relatório

Da Cooperativa de Produção e Consumo de Alcátara «2.ª Comunha», recebemos o relatório e contas da gerência de 1921-22, que apresenta lucros líquidos na importância de 1.646.934, propondo a comissão que 10% destes lucros fossem distribuídos: 8000 ao sócio Manuel Ramos que pelo seu serviço de escrita; 44.669,40 ao Albergue dos inválidos do Trabalho e 4000 para A Batalha.

Umatentado?

Três prisões

Ontem, cerca das 16 horas, foram presos no Terreiro do Paço, Alvaro Damas, José Aires dos Santos e José Gomes, sob a acusação de pretenderem atentar contra a vida do presidente do ministério, sr. António Maria da Silva.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

VIDA SINDICAL

C. G. T.
Comité Confederal

Reúne hoje, às 20 horas, para tratar de assuntos de resolução imediata.

A's Federações e Unões de Sindicatos

O Comité Confederal convida as Federações de Indústria e Unões de Sindicatos que ainda não receberam o «Regulamento do Conselho Jurídico e de Solidariedade» a requisitarem-nos, um para cada sindicato aderente.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Conselho Federal. — Tomou na devida consideração um officio da comissão de propaganda sindical do Alto do Pina e aprovou o relatório da delegacia à Associação dos Canteiros e Pedreiros de Viana do Castelo. Sobre uma comunicação da Secção Federal de Propaganda no Norte tomou deliberações que já foram transmitidas em officio. Occupando-se da campanha feita, especialmente, pelo passquim A Imprensa Nova contra a organização operária, resolveu publicar a nota officiosa que A Batalha, de domingo inseriu já.

Federação Corticeira Nacional. — Reuniu o Conselho Federal para se occupar da greve na fábrica Cabeçadas, à Estrela. O delegado que foi junto dos grevistas deu conta do seu mandato.

O Conselho concordou e sancionou toda a orientação dada ao movimento, e resolveu manter delegados junto dos grevistas até que o industrial se resolveza fazer justiça as reclamações apresentadas. O Conselho resolveu, que se a greve não for solucionada durante esta semana, deverão os Sindicatos Corticeiros do país, abrir queques em todas as fábricas e officinas da industria em auxilio dos grevistas.

Foi lida uma comunicação de António V. Portela, que ficou para ser discutida na próxima reunião, que se deve realizar no próximo domingo, dia 16, à qual este camarada deve comparecer.

CONVOCAÇÕES

S. U. Mobiliário. — Para continuação dos trabalhos, reúne hoje, pelas 20,30 horas, a assembleia geral deste sindicato com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Apreciação do parecer da comissão sobre o officio dum camarada preso;

2.º Continuação da apreciação do officio da Federação Mobiliária sobre o Congresso Corporativo;

3.º Diversos assuntos de interesse para a classe.

Reúne hoje, às 20,30 horas, a comissão de melhoramentos, para tratar dum assumpto de grande importância devendo também comparecer todo o pessoal da casa Nunes & David, (ao Campo Pequeno).

Pessoal da Carris. — Reúne hoje, às 19 horas, em assembleia magna na sede da sua associação, largo Afonso Pena, (ao Campo Pequeno), para resolver a attitudão a seguir em face da carestia da vida.

S. U. da Construção Civil. — Conselho de Secções. — Para tratar de vários assuntos da máxima urgência devem reunir hoje, pelas 20 horas, todos os delegados a este Conselho.

Conselho Técnico. — Reúne hoje pelas 21 horas, em assembleia de delegados, para apreciar um assumpto urgente e de resolução imadiável.

Secção profissional dos pintores. — Para apreciar o ultimo movimento sobre o encarecimento do pão e a tabela de salários apresentada pelo Conselho de Secções, são convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, os componentes desta secção, nenhum dos quais deve faltar visto ser necessário tomar deliberações sobre o caminho a seguir.

Secção profissional dos serventes. — Esta Secção convida os seus associados a reunir hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para continuar tratando do assumpto pendente, devendo comparecer o metalúrgico António da Cunha.

Compositores Tipográficos. — Reúne em assembleia geral extraordinária, pelas 18 horas, para tratar da seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Nomeação de dois delegados à U. S. O.;

2.º Tratar de assumptos respeitantes à ultima greve geral e resolver sobre o caminho a seguir perante a attitudão assumida por alguns colegas, especialmente dos quadros dos jornais.

Operários Calceteiros. — Reúne hoje a assembleia magna, pelas 20 horas, para apresentação de contas do Conselho Técnico e indicar a maneira de empregar o dinheiro que que está em poder do Conselho.

Pessoal técnico jornalero do Município. — Para assumptos urgentes, reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

S. U. da Construção Civil de Almada. — Reúne a comissão administrativa pelas 17,30 horas.

Trabalhadores

LEDE A «A BATALHA»

Funcionalismo público

A fim de apreciar as demarches realizadas para resolução das enormes disparidades criadas pela recente lei das subvenções e bem assim as respostas obtidas das entidades competentes e ainda a projectada redução de quadros, reúne hoje, pelas vinte horas, na sua sede associativa os Empregados Menores do Estado.

As delegações de Coimbra, Porto, Portalegre, Évora e Beja, que telegrapharam aos srs. presidente do ministério e ministro das Finanças, notificaram a esta colectividade que se farão representar na grande reunião do funcionalismo a realizar brevemente em Lisboa, pois que o aumento sofrido nos seus parcos vencimentos em nada se compensa com o aumento que ultimamente tem sofrido os principais géneros de primeira necessidade.

Classe que reclamam

Secção do Poço do Bispo do S. U. Metalúrgico

Em conformidade com as deliberações tomadas pela classe sobre a reclamação de aumento de salário e para evitar a má orientação que se tem por vezes observado nos metalúrgicos desta área, são os mesmos convidados a nomear, por cada officina, um ou mais delegados que devem reunir amanhã, às 20 horas, na sede desta Secção, rua de Marvila, 87, 1.º.

Descarregadores de Mar e Terra

Tendo a direcção apreciado um officio enviado pela associação dos armadores, referente ao pedido de aumento de salário, resolveu convocar a reunião hoje, pelas 7 horas, a secção de descarga de carvão mineral, e pelas 13 horas, a secção de descarga de peixe, devendo comparecer todos os convocados, dada a importância do assumpto a tratar.

Metalúrgicos

Hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato, reúne em conjunto com a Comissão de Melhoramentos, os delegados de fabricas e officinas metalúrgicas, para apreciação dum documento referente ao pedido de aumento de salário.

As officinas que não se fizeram representar na primeira reunião, devem hoje enviar os seus delegados.

Ferrovieiros da C. P.

As comissões executiva e de melhoramentos entrevistaram-se ontem com o ministro do Comércio sobre as reclamações pendentes.

Como as referidas comissões necessitam de ser melhor esclarecidas sobre a questão, afim de por sua vez ilucidarem a classe convenientemente, novas diligências se efectuarão, devendo contudo a mesma reunião brevemente em assembleia magna para tomar resoluções.

Os corpos gerentes do Sindicato estão em sessão permanente.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

Passeios e excursões

A Sintra Colares e Praia das Maças

Como previamos, resultou uma bela festa de confraternização operária a excursão que a estas localidades se realizou ante-ontem, em camions, por iniciativa do S. U. Metalúrgico e em benefício da sua escola e dos melhoramentos a realizar na sua sede.

Eram 7 horas quando os excursionistas partiram da praça do Marquês de Pombal, e quasi 9 horas quando chegaram a Sintra, depois de uma viagem que seria excelente, pela alegria que reinou, se não fossem os medonhos solavancos que o péssimo estado das estradas provocava, solavancos que faziam com que os pesados veículos se assemelhassem a frágeis canoas navegando em dia tempestuoso.

Após uma pequena paragem em Sintra, seguiu-se para Praia, onde se almoçou sob a agradável sombra dos odoríferos pinheiros e onde se descaçaram as fadigas da viagem depois de bem reconfortados os estômagos.

Voltoando-se a Sintra, teve lugar no vasto campo dos Seteais um interessante picnic que, como o almoço, decorreu com a maior animação, fazendo-se ouvir, entretanto, em bons trechos de música, o grupo musical que acompanhava a excursão e tendo sido rifada uma surpresa e vendidos bolões para lapela com uma alegria da industria siderúrgica.

Quasi sol pôsto regressou-se a Lisboa, sem que o menor incidente desagradável tivesse perturbado este belo passeio de confraternização.

DI-LO TODA A GENTE

que são os fabricantes

Donas da Covilhã

que mais barato vendem, directamente ao publico, as melhores e mais bonitas fazendas de lá para

Fatos e vestidos

Depósitos de venda a retalho:

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

MOBILIÁRIA

Porto — Delegação Federal. — Continuamos aguardando officio.

Coimbra — Delegação. — Sindicatos Mobiliários. — Respondam aos officios enviados.

Braga — Sindicato Mobiliário. — Vão officiar.

O GATO PRETO

Teatro São Luís

obtem todas as noites

Grandioso successo

HOJE

O mesmo espectáculo no elegante teatro

AS GREVES

Aprendizes metalúrgicos

Os aprendizes e ajudantes da officina de serralaria de Manuel Joaquim da Graça, conhecido pelo Manuel Bemfica, da calçada de João do Rio, já há meses que vinham sendo ludibriados com o prometimento de aumento de salário, porquanto todas as semanas que os rapazes pediam o aumento de salário, o patrão e o mestre (?) lhes respondia que fizessem a diligência que seriam satisfeitos na sua pretensão.

Os rapazes faziam a diligência, as semanas passavam e o decantado aumento não vinha; até que a paciência dos dozeito aprendizes se esgotou, e ontem o fizeram sentir ao patrão, declarando que não mais voltariam ao trabalho enquanto lhes não fosse feita justiça.

E' pois uma greve de pequenos metalúrgicos que deve merecer a consideração da classe, especialmente dos officinas que trabalham naquela officina, restando pois que se evite a substituição dos aprendizes em greve.

Os grevistas reunem hoje na sede do seu sindicato às 14 horas.

Corticeiros da casa Cabeçadas

NOTA DO SINDICATO

O Sindicato de Belém rezoja-se pela forma como os operários da casa Cabeçadas se tem mantido até hoje, apesar de já há três semanas durar a luta, limitando apenas que alguns operários não concordem com o movimento, o que certamente é devido ao seu comodismo ou por má fé.

Convida-se o pessoal daquela firma a reunir hoje, pelas 17 horas, e o pessoal de toda a área a reunir pelas 18 horas em ponto, para assumptos importantes, assistindo um delegado da Federação.

Operários da Construção Civil

Continua sem defeições a greve do pessoal da obra do conde de Mendia, em Moscavide, Oliveira, tendo-lhe dado origem o não ter sido atendida a reclamação de 2500 sobre os salários actuais.

Na entrevista ontem realizada entre a comissão dos grevistas e o gerente nada ficou resolvido, deixando este sem transparer o desejo de se manter intransigente, mas esperando-se também que a intervenção do architecto sr. Norte Júnior faça modificar a situação do movimento.

Enquanto a respectiva comissão o não determinar, nenhum grevista deve comparecer na obra.

Porto da Exploração do

Retinui ontem em assembleia magna para tomar conhecimento dos trabalhos efectuados junto do Conselho de Administração e agências pela Comissão de Melhoramentos e delegados da Federação Marítima.

Como haja ainda uns assumptos importantes a resolver e para evitar futuras complicações para a classe, a assembleia sancionando a opinião da Comissão de Melhoramentos e delegados da Federação Marítima, deliberou prosseguir no movimento até solução definitiva do conflito, o que deve acontecer hoje ou amanhã, com garantias para os grevistas.

Pessoal da Exploração do

Reúne hoje a nova reunião do pessoal às 17 horas.

Uma exposição agricola

Inaugurou-se ontem, nas dependências da Estação de Ensino de Semences, em Belem, a primeira exposição de cereais de Praga, a qual estará patente até ao dia 20 deste mês, das 12 às 17 horas.

A entrada faz-se pelo portão principal da secretaria da Casa Pia, nos Jerónimos.

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa dos Fragateiros.

Reúne, hoje, pelas 19 horas, em assembleia geral, para tratar de assumptos de resolução imediata.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Claridade. — Reúne hoje, pelas 20,30, na sede da União.

TEATRO NACIONAL

HOJE

A notável peça

espanhola

O Cabeça de Turco

Soberbo conjunto

Interessante entrecho

Teatro Maria Vitória

- HOJE -

Duas sessões com a

espirituosa

e deslumbrante revista

FADO CORRIDO

Ultimas noticias

O conflito italo-grego

A Grécia submete-se...

PARIS, 10. — Mussolini enviou ao embaixador italiano em Paris um telegrama instruindo-o para informar a Conferência que o governo italiano adoptou a nota à Grécia, confirmando que a Itália evacuará Corfu e ilhas vizinhas, logo que a Grécia execute as reparações pedidas.

A resposta grega à Conferência dos Embaixadores foi ontem entregue às legações britânica e francesa na Grécia. A Grécia executa todas as reclamações da Conferência dos Embaixadores e insiste sobre o pedido previamente feito à Conferência para assegurar a evacuação mais rápida possível de Corfu.

Hermes da Fonseca

RIO DE JANEIRO, 15. — Paleceu o marechal Hermes da Fonseca, ex-presidente da república brasileira.

Catástrofe ferroviária

MOSCOWIA, 10. — Descarrilou o «expresso» da Sibéria perto de Omsk. Há 82 mortos e 151 feridos, muitos deles gravemente.

O abalo sísmico no Japão

Os socorros aos sobreviventes

PARIS, 10. — O sr. Merlin, governador da Indochina apressou-se em mandar socorros aos sinistrados do Japão. O vapor Cordillere apenas chegou ao porto de Saigon carregado a quantidade de soros e vacinas anti-difteríticas e contra a cólera, fornecidos pelo Instituto Pasteur de Saigon. Foram também embarcadas quantidades de arroz e outros géneros alimentícios. No mesmo vapor embarcaram dois médicos militares que informarão o governo geral dos meios com que deve socorrer as vítimas da catástrofe.

Comunicações aéreas

Vão ser estabelecidas na Rússia

RIGA, 10. — Sendo a república soviética de Yskutsk uma das regiões de mais difícil acesso da Federação de Repúblicas Soviéticas, está-se começando a organizar por esta república uma comunicação aérea entre Irkutsk, o Yskutsk num percurso de mais de 2.000 quilómetros. Em Irkutsk, Oleninsk e Yskutsk vão construir-se aeródromos e barracos de madeira. Deixasse aparelhos assegurando o funcionamento desta linha que, por motivo da prolongação do inverno, não funcionará mais de 720 dias cada ano.

Chegarão a Petrogrado representantes da frota aérea e da «Debrolette» para tratar das questões relativas às comunicações aéreas regulares entre Petrogrado e Moscovia. Foi colocado à disposição da «Debrolette» o aeródromo de Kommandansky. A linha aérea entre Moscovia e Petrogrado inaugurará-se-lhe dentro de alguns dias, uma vez que estejam montados todos os aparelhos necessários.

O conflito italo-grego

Transigindo com a Itália...

LONDRES, 10. — A decisão da Conferência dos Embaixadores é considerada aqui como representando um importante avanço para a solução da crise italo-grega. Espera-se que a Itália, se a Grécia aceitar estas propostas e resolver a evacuar Corfu, se a nota enviada pela Conferência dos Embaixadores à Grécia traza a solução dentro do ponto de vista satisfatório, é isso grandemente devido à maneira como Lord Robert Cecil atendeu as susceptibilidades italianas.

O crime politico

BUDAPEST, 10. — A policia de Budapest deteve 10 membros da Sociedade «Hungaros que despertam» que se julgavam participaram em diferentes atentados politicos.

Combóios rápidos entre Lisboa e Porto

Até aviso em contrário continuam em circulação todos os dias, excepto nos domingos, os combóios rápidos entre Lisboa e Porto, n.º 55 que parte de Lisboa-Rocio às 17-20 e n.º 52 que parte do Porto às 8-00.

Continua também a efectuar-se todos os dias, excepto aos domingos, o combóio n.º 250 que dá ligação para a Figueira da Foz, realizando-se o combóio n.º 248 unicamente aos domingos.

A ligação em Pampilhosa, a que se refere a Observação E. do cartaz D. 161, do combóio rápido do Porto

A BATALHA

O SINDICALISMO EM MARCHA

O 8.º CONGRESSO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO

Discutem-se com grande entusiasmo princípios básicos da organização sindical

A's 10 horas e 15 minutos da manhã, reaberta a sessão, interrompida na noite anterior devido ao copo de água oferecido aos congressistas pela União dos Empregados no Comércio.

Por indicação de Fausto Gonçalves, da Junta Sul, o delegado espanhol faz uma sucinta exposição sobre a organização sindical do seu país. É a apologia da centralização de todos os esforços da organização, buscando exemplos na prática centralista da própria burguesia. O comité director de um organismo nacional nunca pode ser dilatório, posto que, inspirando-se nas assembleias e nos congressos, tem de cumprir simplesmente, e fielmente, as suas determinações, pelas quais é responsável perante as mesmas assembleias e os mesmos congressos. Concorda, contudo, com a opinião do secretário geral da C. G. T., quanto à criação de delegações de propaganda. Referindo-se à Confederação Nacional de Espanha, faz uma ligeira análise à autonomia demasiada das suas organizações aderentes, que tem dificultado certa acção em determinados momentos, como, por exemplo, por ocasião de greves gerais. Devido a esse facto, o organismo não possui um comité central, com latos poderes de decisão, várias vezes não tem havido uma harmonia com a União Geral dos Trabalhadores, estabelecendo-se um rápido acordo. Estima, portanto, que localmente se robusteça a organização dos empregados no comércio por intermédio dos sindicatos por especialidade, por cada ramo; e que, nacionalmente, essa robustez se assinala pela pujança e prestígio da sua Federação, a qual deve centralizar todos os esforços da acção sindical, dirigindo-os o mais consciente e inteligentemente possível.

Da discussão genérica, passa-se à apreciação específica de cada artigo das teses Nova Estrutura da Organização e do projecto dos Estatutos da Federação, visto serem idênticas.

O 1.º artigo da Nova Estrutura é aprovado com a emenda do projecto, isto é: substituindo-se as frases *Empregados no Comércio*, pelas palavras *Trabalhadores no Comércio*. O artigo 2.º, e o 1.º, perfeitamente iguais das duas teses, são aceites, incluindo discussão sobre a alínea a) do referido n.º 1.º, em que intervieram os relatores, Eduardo Relvas, Dário Novo, Adolfo Freitas, Augusto Machado, João Cabecinha e Luís António de Carvalho. Por proposta do último, a alínea fica assim redigida:

«As Associações e Núcleos deverão ser organizados em todas as localidades onde, em conformidade com a alínea d, haja possibilidade de os organizar; as secções poderão ser organizadas nas povoações e bairros das cidades mais populosas do país, que assim o achem necessário, mas fazendo parte integrante do sindicato da respectiva secção».

Alínea e), cortam-se as frases: *em cada localidade e a quinze nos bairros das cidades*. O n.º 6.º é alterado numa palavra: em vez de *criar*, fica: *procurar instituir*. O artigo 4.º fica com esta redacção de José Córvo: «A Federação reconhece todas as Associações de classe existentes no país à data da aprovação destes estatutos, compelindo-lhe a difundir a máxima propaganda no sentido de que, logo que seja possível se constituam os «sindicatos únicos» com as respectivas acções de especialidade, dentro do sindicato, não conhecendo de futuro mais do que uma associação ou núcleo por localidade».

O § 1.º deste artigo é eliminado, passando o 2.º a único, o qual sofre esta emenda: em lugar de *remodifiquem, adaptando-os aos estatutos* — tipo, p.º 1.º — depois de actualizados.

É suspensa a sessão para reabrir às 15 horas.

O artigo 5.º que se refere à irradiação dos padrões que estão dentro de alguns sindicatos, é sujeito a um interessante debate, no qual são feitas, por parte de alguns congressistas afirmações de princípios.

O delegado de Coimbra do Ateneu Comercial, comunica que no organismo que representa há padrões associados. Persistindo-se no seu afastamento, a sua associação cairá. Pessoalmente não concorda com a colaboração de classes; mas atendendo à situação especial em que alguns sindicatos, como o seu, se encontra, reconhece a necessidade de se colher a contribuição dos padrões,

continuando, portanto, dentro dos mesmos sindicatos.

Cabecinha não concorda também com o artigo, porque esses padrões têm direitos adquiridos.

A existência de padrões nalguns organismos

José Fragoso afirma que, embora o sindicato que representa esteja na mesma situação que o sindicato de Coimbra, está disposto a empregar todos os esforços ao seu alcance para que o afastamento dos padrões se faça imediatamente.

Fausto Gonçalves, José Córvo, Eduardo Relvas, Vieira Alves, Adolfo Freitas e outros combatem tenazmente a permanência de padrões nos sindicatos, baseando-se no princípio de luta de classes.

O delegado de Silves manifesta a sua concordância com a doutrina sindicalista do artigo 5.º e participa que a sua associação já resolveu irradiar todos os padrões.

Raúl Ribeiro da Rocha não discorda da conveniência que há em convencer os padrões para que eles abandonem os sindicatos; porém não é de opinião que eles sejam expulsos por uma decisão violenta.

O secretário geral da C. G. T., explica que, firmando-se a estrutura da organização sindicalista na luta de classes, não faz sentido que no seio dos explorados estejam os próprios que os exploram. Senão preciso usar cadernetas federal e confederal, haverá algum padrão que as aceite? Está-se em face deste dilema: ou se eliminam os padrões, visto que a organização sindicalista visa à supressão do patronato e do salariato, ou então continua-se a admiti-los, nesse caso juntam-se a eles numa colaboração deprimente, subversiva, sem nenhuns desejos da emancipação integral da classe, da libertação humana.

Eduardo Relvas e José Fragoso apresentam a seguinte questão prévia:

«Atendendo a que estamos aderentes à C. G. T. e como tal não podemos alargar nos nossos sindicatos sócios padrões, mesmo os considerados auxiliares, propomos, sem prejuízo dos oradores inscritos, que sejam postos à votação o artigo 5.º e seus parágrafos».

Este documento foi aprovado, bem como o referido artigo, em votação nominal, por 37 votos contra 2, havendo 2 abstenções.

Como a mesa já se encontrasse fatigada é substituída por José Córvo, Consilheiro da Costa e Alvaro Gouveia, respectivamente presidente e 1.º e 2.º secretários.

Os artigos 6.º até ao 17.º são aprovados. Porém, o 18.º, referente à criação do secretariado e à extinção das duas juntas (norte e sul), dá lugar a uma larga e agitada discussão e origem as dissidências entre os partidários do centralismo e os apologistas da descentralização. O relator, Rodrigues Loureiro, salienta as vantagens da doutrina do artigo 18.º. João Gonçalves Pereira ataca o centralismo e o burocratismo sindical; Luís António de Carvalho reedita o seu modo de ver já exposto, a quando da discussão do preâmbulo e apresenta a seguinte emenda ao aludido artigo 18.º:

«A gerência da Federação é encarregada a duas juntas, com sedes respectivamente em Lisboa e Porto, que serão eleitas pelos Congressos e têm para tempo de exercício o prazo que mediar entre duas reuniões ordinárias das assembleias congressistas; cada uma das juntas será composta por 5 membros: um secretário geral, um secretário adjunto, um bibliotecário-arquivista, um tesoureiro e um vogal».

Depois de falarem ainda vários congressistas, entre eles Vaz Cruz, Adolfo Freitas, Eduardo Relvas e Dário Novo, o primeiro contra o artigo 18.º e os últimos a seu favor — é posta à votação a emenda de Luís António de Carvalho, sendo rejeitada por maioria.

Inácio Vaz da Cruz, então, requer contra-prova em votação nominal e com a designação dos delegados directos e indirectos, para fixação de responsabilidades.

Deu o seguinte resultado a contra-prova:

Rejeitaram 15 delegados indirectos e 15 directos, respectivamente de Paços de Arco; Guarda, Bombaral, Soure,

Nazaré, Figueira da Foz, Famalicão, Vendas Novas, Castelo Branco, Torres Novas, Portalegre, Montemor-o-Novo, Extremoz, Caldas da Rainha, e do jornal *Calheiro do Sul*; e junta do sul, conselho geral do sul, Vila Real de Santo António, Setúbal, Leiria, Silves, Tomar, Vizeu, Ferreira do Alentejo, Odivelas, Coífre de Residência e os jornais *Alvorada, Era Nova e O Empregado no Comércio*.

Aprovaram: 4 indirectos e 7 directos, respectivamente: Lamego, Aveiro, Régua e o jornal *Solidariedade*, e Vila Real, Póvoa, Coimbra, Chaves, Conselho Geral e Junta do Norte e o jornal *Luz e Vida*.

Os delegados da União dos Empregados no Comércio, do Porto, e da Junta Norte fazem uma declaração de que não voltam a tomar parte na discussão do projecto dos Estatutos, em consequência de não valer a pena essa trabalho e reconhecerem de antemão a aprovação do referido projecto pela votação do sul.

Um incidente

Outros delegados do Norte fazem afirmações similares e vão para fora do salão discutir acaloradamente.

Ainda se aprovam os artigos 19, 20 e seu parágrafo único. Mas o conflito aviva-se.

Inácio Vaz da Cruz, um pouco exaltado, manifesta-se contra a invasão dos delegados indirectos e diz não haver grande validade moral nas votações duma parte do Congresso, que traduzem uma parte do Congresso, que traduzem uma parte reservada. Os delegados do sul, principalmente os indirectos, replem as insinuações que lhe são dirigidas e estabelecem-se uma grande agitação que interromperam, por algum tempo o funcionamento da assembleia.

A custo, conseqüente-se os delegados que saíram voltam para o Congresso, usando da palavra a requerimento de Dário Novo e para acalmagem dos ânimos, o secretário geral da C. G. T.

Julgou encontrar no Congresso camaradas que bem soubessem avaliar das suas responsabilidades e melhor compreender a harmonia que era necessário existir para o bom desempenho da missão de que todos foram investidos. Mas não se pôde a lamentar que tenha de ir para a C. G. T. dizer que uma das suas cláusulas importantes com que contava, se desmantela por culpa dos seus próprios militantes.

Numa assembleia geral de sócios duma associação, qualquer atitude, boa ou má, assumida por um dos seus membros é da responsabilidade de um só. Mas no Congresso, essa atitude, essa responsabilidade, vai reflectir-se em centenas, em milhares de sindicatos, sendo o mal muito maior e de funestas consequências para a organização. Prevendo esse perigo, reputando indispensável a harmonia das suas acções, norte e sul, alvita para os dois trabalhos em questão sejam retirados da discussão e submetidos ao estudo das duas zonas.

Estas ficariam existindo até ao momento em que o estudo se concluisse e fosse posto em execução pelo referendo dos dois sindicatos, que assim melhor representaria a verdadeira vontade das massas. No entanto, não deixa de novamente afirmar que aceitar o critério das duas zonas é aceitar um desdobraimento, duas federações, isto é: a centralização em dois pontos. Foi por isso que lembrou antes a criação das secções provinciais com os seus delegados no Conselho Geral, tornando assim a organização mais leve e aproveitando os seus militantes de todos os lados.

Eduardo Relvas, depois de o justificar largamente, apresenta o seguinte documento, em questão prévia:

«Atendendo ao tempo perdido na discussão estéril da tese «Nova Estrutura da Organização» e do «Projecto do Novo Estatuto», do Conselho Geral (sul), e para evitar o desmantelamento da classe, conforme afirmação neste Congresso feita, proponho que, depois dos ouvidos os relatores dos dois trabalhos, os secretários gerais das duas zonas e o representante da C. G. T., se retire da discussão deste Congresso os documentos em questão».

Mais propunho que os aludidos trabalhos baixem aos futuros congressos, que, depois de os apreciarem, devam nomear entre si dois delegados, um de

cada zona, que, conjuntamente com um representante da C. G. T., como árbitro, os concluirão num estatuto-base, de uma melhor organização actualizada. Este trabalho, logo que esteja pronto, deverá ser publicado nos jornais corporativos e depois presente ao IX Congresso».

Rodrigues Loureiro, que deseja a boa marcha do Congresso até ao fim, não pôde dúvidas em transigir até esse ponto; no entanto, não pode deixar de dizer que, afinal, a questão já vem de outros congressos e continuará na mesma forma porque os camaradas do norte há de sempre estar renitentes.

Elisio Esteves, visto que se afirma tratar-se do bem da Organização, aceita a plataforma, mas desinteressa-se da sua tese.

O secretário geral da C. G. T. entende melhor, visto a distância que media deste Congresso ao outro ser grande, que depois do estudo ser publicado nos jornais ele deve ser discutido por todos os sindicatos, os quais enviarão as suas emendas para a comissão. Dada por esta a última redacção ao trabalho, ele deve ser submetido, como já alvitrara, ao referendo».

Nestas condições, sintetiza a sua opinião, neste aditamento da C. G. T. que o presidente apresentará, conjuntamente com a questão prévia de Eduardo Relvas, à aprovação:

«Que, após a elaboração do referido trabalho estatutário e sua publicação, seja dado aos sindicatos um período de tempo para a apresentação de emendas, findo o qual período a redacção definitiva seja votada por referendo dos sindicatos».

A questão prévia e o documento são aprovados por aclamação, suspendendo-se a sessão debaixo das melhores impressões de que tudo ficou harmonizado.

11-9-1923

FOLHETIM DE «A BATALHA»

N.º 1

COMO SE MORRE

DE

EMILE ZOLA

1

O conde de Verteuil tem cinquenta e cinco anos; pertence a uma das mais ilustres famílias de França e é muito rico. Oposição ao governo, trabalhou quanto pôde, deu artigos para os jornais sérios, artigos que o fizeram entrar para a academia das sciências morais e politicas; tomou parte nos negócios publicos; apaixonou-se sucessivamente pela agricultura, pela instrução, pelas belas artes, houve até um momento em que foi deputado, e distinguia-se pela violência da sua opposição.

Um conde Matilde de Verteuil tem quarenta e seis anos. É ainda citada como a loira mais adorável de Paris. A idade parece enlamear-lhe a pele. Era um pouco magra; o colo tornava-se agora, ao amadurecer, a suavidade de um fruto sedoso. Nunca tinha sido mais bela. Quando entra numa sala, com os cabelos de ouro e o setim do seio, parece ser o astro que des-

ponha; e as mulheres de vinte anos olham-na.

O lar doméstico do conde e da condessa é um desses em que ninguém fala. Casaram-se como se casa as mais das vezes no mundo. Há quem afirme que viveram muito bem um tempo durante seis anos. Por essa época tiveram um filho, Rogério, que é tenente, e uma filha, Branca, a quem casaram o ano passado com o sr. de Bussac, advogado. Reviram-se nos filhos. Há anos que se indispuseram, mas permanecem bons amigos, com um grande fundo de egoismo. Consultam-se, estão muito bem com o outro diante de gente, mas encerram-se depois nos seus aposentos, onde recebem os amigos que querem.

Uma noite, porém, recolhe Matilde dum baile, cerca das duas horas da manhã. A criada grave desce a ela, na ocasião de se retirar, diz-lhe:

— O sr. conde sentiu-se esta noite um pouco incomodado.

A condessa, meia adormecida, volta preguiçosamente a cabeça.

— Ah, sim, murmura.

Deita-se e acrescenta:

— Acorda-me amanhã às dez horas, que espero a modista.

No dia seguinte ao almoço, como o conde não parece, manda a condessa saber primeiro notícias dele; deitou-se depois a subir ao seu quarto. Encontra-o na cama, bastante pálido, muito correto. Já tinham vindo três médicos, tinham falado em voz baixa e deixado receitas; deviam voltar à noite. O doente é tratado por dois criados, que se agitam, graves e mudos, abafando o ruído das botas na alfama. A esposa alvora dormita, numa severidade indifferente; nem uma toalha caída, nem um móvel fora do seu lugar. Aquilo é a doença acenda e digna, a doença cerimoniosa, que espera visitantes.

— Então, sofre muito, meu amigo? pergunta a condessa ao entrar.

O conde fez um esforço para sorrir.

— Oh! um pouco de fadiga, respondo. Não preciso senão de repouso.

Agradeço-lhe o ter-se incomodado.

Decorrem dois dias. A alcova mantém-se digna; está cada objecto no seu lugar, as poções desaparecem sem deixar uma nódoa nos móveis. As faces barbaudas dos criados nem mesmo se atrevem a exprimir um sentimento de enfado. Todavia, o conde sabe que está em perigo de vida; exige dos médicos a verdade, e deixa-os funcio-

nar, sem uma queixa. Está de olhos fechados a maior parte do tempo, ou então olha fito para a frente, como se reflectisse na sua solidão.

A condessa diz na sociedade que o marido está doente. Não imodificou em nada a sua existência, como e dormia, passeia às horas do costume. Todas as manhãs e todas as tardes vai em pessoa perguntar ao conde como tem passado.

— E então, vai melhor, meu amigo? — Sim, muito melhor, obrigado, minha querida.

— Se o senhor quizesse, ficaria ao pé de si.

— Não, é escusado. Julião e Francisco bastam... Para que se havia de fatigar?

Compreendem-se entre si; tem vivido separados e querem morrer separados. O conde goza aquele prazer amargo do egoísta, desejoso de se finar sozinho, sem ver a roda da cama o aborrecimento das comédias da dor. Abreia o mais possível, por si e pela condessa, o desgosto da suprema conferência. A sua última vontade é desaparecer com limpeza, como homem de sociedade que não deseja incomodar nem repugnar a ninguém.

No entanto, uma tarde, respira a custo, e sabe que não escapará da noite. Espiço, quando a condessa sobre a faz a sua visita do costume, diz-lhe, procurando um último sorriso:

— Não sei... Não me sinto bem.

Que responder-lhe os ditos do mundo. Ela, a sua vez, esperava aquele aviso, e toma logo o seu quarto. Os mé-

dicos já não abandonam o agonizante. Os dois criados acabam o serviço, como o mesmo cuidado silencioso. Mandam buscar os filhos, Rogério e Branca, e conservam-se ao pé do leito, o lado da mãe. Outros parentes ocupam um quarto próximo. A noite passa-se assim, numa expectativa solemne. Pela manhã são trazidos os últimos sacramentos, o conde comunga na presença de todos, para dar um último apoio à religião. O cerimonial está preenchido, pode morrer.

Mas não tem pressa, parece recuperar as forças, a fim de evitar uma morte convulsa e estrepitosa. A sua respiração, na vasta alcova serena, emite somente o ruído desigual de um relógio que se desorganiza. É um homem bem educado que se vai embora. E depois de haver abraçado a mulher e os filhos, repele-os com um gesto, torna a cair para o lado da parede e morre.

Um dos médicos inclina-se então e fecha os olhos do morto. Em seguida diz a meia voz:

— Acabou-se.

Elevam-se no silêncio suspiros e lágrimas. A condessa, Rogério e Branca estão de joelhos; choram entre as suas unhas; não se lhes vê as caras. As duas criadas levam depois as mãos, que descejoando, a porta, caracterizam o seu desespero, convulsão o peito num derradeiro soluço. E, daí por diante, o morto pertence à pompa das exéquias.

Os médicos retiraram-se, dobrando as costas e assumindo uma expressão vagamente dolorida. Mandaram pedir um padre à freguesia para velar o corpo. Os dois criados ficam com esse padre, sentados em cadeiras, apurados e sérios; era aquele o esperado fim do seu serviço. Um deles descobriu uma colher que fora esquecida em cima de um móvel; levanta-se e mete-a muito depressa na algibeira, para que a boa ordem do quarto não seja perturbada.

Em cima, na sala grande, ouve-se grande bulha de martelos; são os armadores que arranjam a casa em catina ardente. O dia foi todo empregado nos trabalhos de embalsamar; as portas conservam-se fechadas, e o embalsamador está só com os seus ajudantes. Quando, no outro dia, descem com o conde e o expõem, mostram-se de casa, tem a frescura da mocidade.

No dia das exéquias, logo às nove horas da manhã, enche-se o pátio de um murmúrio de vozes. O filho e o genro do defunto recebem a concorrência numa sala de rez-do-chão; inclinam-se, mostram uma polidez muda às pessoas aflitas. Estão ali todas as lustrações, a nobreza, o exército, a magistratura; até há senadores e membros do Instituto.

Emfim, às dez horas põe-se o prestígio em marcha para a igreja. O carro funéreo é um veículo de primeira classe, ornado de plumas, coberto de crezes com franja de prata. As borlas do alxim pegaram um marechal de França, um duque, velho amigo do finado, um ex-ministro e um académico. Ro-

gerio de Verteuil e M. de Bussac conduzem a coroa. Atrás vem o cortejo, uma onda de gente enlameada e de gravata preta, todos personagens importantes, a quem a poeira faz assoprar e que marcham com o surdo zumbido de um rebano em debandada.

O baíro, alvoroçado, está às janelas na rua formam-se alas, todos se descobrem e olham com meneios de cabeça para o féretro triunfal. A circulação é interrompida pela interminável fila de carrozagens enlutadas, quasi todas vazias; os omníbuses, os *fiacres* amontoados nos cruzamentos; ouvem-se as pragas dos cochleiros e os estalos dos charretes. E, no entanto, a condessa de Verteuil, que ficara em casa, fechada no seu quarto, para que se dissesse que as lágrimas a tinham despedaçado. Estendia, numa poltrona, brincando com a borla do seu cinto, olha para o tecto, alviada e pensativa.

(Continuação)

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

CEZIMBRA

8 DE SETEMBRO

A ganância dos padieiros

Quando da greve de protesto contra o aumento do preço do pão, os gaúchos padieiros da do burgo, para obterem farinha e como não havia com que lhes carregasse os carros, arvoraram em seus sócios alguns trabalhadores para fazerem esse serviço.

Porém, não é isto o bastante, porque essas farinhas, adquiridas ao preço de \$30, ainda não estão gastas mas já se sumiram, sem que as autoridades se incomodem com as explorações feitas ao povo.

O administrador do concelho não deve consentir que se venda pão a \$30, quando se sabe que aquela farinha ainda não acabou... C.

Carpinteiro

de carroças precisa-se na rua do Arco do Carvalhal, oficina Cabaço.

um preso a um dos calabouços do governo civil, foi agredido com um pau, por um dos reclusos, ficando ferido na cabeça.

Quedas desastrosas

Na enfermaria provisória n.º 7, do hospital do Desterro, deu ontem entrada Manuel Joaquim Barris, de 73 anos, catanteiro, residente no Convento de Saca, em, que ali deu uma queda fraturando a perna direita.

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo Eduardo Santos, de 17 anos, serralleiro, residente na rua da Penha de França, 106, r/c, eq., que na mesma rua caiu de uma bicicleta, ficando contuso na perna direita.

Polícia agredido por um preso

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo José do Rosário, de 35 anos, polícia civil 1918, residente na calçada do Poço dos Mouros, 43, r/c, que, na ocasião em que foi buscar

